

O desamparo contemporâneo e a cultura atual (um desafio para a abordagem grupal analítica)

Sara Ferro

Resumo

Com este trabalho pretende-se fazer uma reflexão sobre os desafios que na contemporaneidade são colocados ao exercício da clínica grupal analítica.

Sublinha-se ainda a importância do contexto cultural como modelador da eclosão de psicopatologias frequentemente narcísicas.

Palavras-Chave: grupal análise, psicanálise, cultura, escuta psicanalítica, paradigmas.

Abstract

This work aims to reflect on the challenges that are currently posed to the practice of group analytic clinics. The importance of the cultural context as a model for the emergence of narcissistic psychopathologies is also highlighted.

Keywords: group analysis, psychoanalysis, culture, psychoanalytic listening, paradigms

I-INTRODUÇÃO

O desamparo contemporâneo é correlacionado pelos principais pensadores da atualidade com o mal-estar da cultura atual. Neste contexto regista-se emergência de uma psicopatologia não neurótica com sofrimento de natureza narcísica desencadeando na clínica analítica necessidade de superação de impasses por fragilização nos processos de simbolização.

O trabalho psicoterapêutico analítico, reclamando tempo e capacidade de simbolização do paciente, é dificultado pelas exigências de imediatismo da cultura atual que privilegia o distanciamento relacional a prevalência do espaço sobre o tempo, a aceleração do ritmo da vida e o imediatismo e a predominância

¹ Médica psiquiatra, Grupalista, Membro Titular Didata da Sociedade Portuguesa de Grupal análise e de Psicoterapia Analítica de Grupo (SPGPAG). saracferro@gmail.com.

Artigo adaptado a partir da sua comunicação oral apresentada no XXII Congresso Nacional da Sociedade Portuguesa de Grupal análise e Psicoterapia Analítica de Grupo (SPGPAG) e XVI Encontro Luso Brasileiro, Lisboa 18 Novembro 2023.

da comunicação corporal que não facilitam inscrição no campo da palavra requerendo reavaliação dos dispositivos clínicos e modos de escuta, alterações e acréscimos na técnica. (Roussillon R, 1999).

Cortesão (1989/2008), ao investigar as perturbações do narcisismo no processo grupalítico, acentuou correlação com as muitas teorias da relação de objeto. Suas conclusões resultaram da integração de conhecimentos oriundos da atualização e renovação dos modelos psicanalíticos pós freudianos que se repercutiram na teoria psicanalítica e na técnica da grupalíse. Hoje, as abordagens da sua conceituação conduziram à admissão de uma possível introdução de modificações por integração de aportes das neurociências e do movimento psicanalítico contemporâneo.

Face a estas prévias considerações é minha intenção partilhar uma breve revisão e reflexão da grupalíse praticada hoje em Portugal e de suas potencialidades evolutivas.

II - A CULTURA CONTEMPORÂNEA E SEU ENLACE COM O SOFRIMENTO MENTAL

Neste dealbar do século XXI vivemos tempos revoltos, inconsistentes (Gil J, 2005), de instabilidade e crise, geradores de medo e insegurança: a recente pandemia, as perturbações climáticas, as mudanças sociais, tecnológicas, políticas, económicas e de valores, a eclosão da guerra são no seu conjunto situações traumáticas que desencadeiam vivências de desamparo.

O Homem muda historicamente. A representação de si mesmo e de sua realidade é função dos códigos sociais, da cultura em que se insere. A percepção e o sentir são condicionadas pelo momento histórico e cultural. Embora na teoria psicanalítica a subjetividade não ocupe lugar principal, está presente nos fenómenos psíquicos e deve ser entendida. Efetivamente as formas de subjetivação criam o espaço para que o sujeito possa integrar-se na cultura em que vive sem se desfazer totalmente de sua singularidade, funcionando como defesa ou amparo face às condições culturais em que vive. Não se confundindo inconsciente e subjetividade, esta poderá proteger, amparar ou defender o sujeito dos aspetos desintegrativos do inconsciente aos quais não acede, mas que o influenciam e determinam.

Quando surgiu a psicanálise os valores culturais veiculavam modos de sentir em que o sistema simbólico unia o significante ao significado de modo único, inquestionável, numa conceituação positivista da linguagem (Coderch J e Ávila A, 2021).

Hoje assiste-se à transmutação de valores: da posição positivista da ciência passa-se a um relativismo e construtivismo do pensamento social (Coderch J e Ávila A, 2021). Substituindo os anteriores ideais, emerge exaltação da liberdade, da autonomia individual, da valorização narcísica do indivíduo. No plano social anotamos enfraquecimento dos laços sociais, prevalência pela busca do prazer, do ter, do parecer, eclosão de uma ética que distorce a organização dos vínculos e o sentido da vida e de uma estruturação da família favorecedora do descentramento da figura materna e declínio da função paterna tendentes a desencadear perturbações no desenvolvimento psicológico dos filhos por vezes de inscrição precoce. No plano da saúde mental as psicopatologias mais frequentes caracterizam-se por funcionamentos

limítrofes, narcísicos, aditivos e psicossomáticos; o sofrimento psíquico utiliza com frequência o corpo para se apresentar ao qual se junta uma fragilização dos processos de simbolização.

O medo nos tempos de Freud centralizava-se em receios da castração face às interdições da sexualidade e da agressividade. A análise visava o conflito suscitado pela pulsão sexual. Hoje o medo resulta predominantemente da perda de confiança no ambiente, do sentimento de insuficiência perante os ideais narcísicos. A psicopatologia predominante desenvolve-se na órbita do déficit, da vergonha, perante as exigências de “performance” que desencadeiam defesas primitivas do ego.

Na cultura atual enfatizam-se aspetos que se constituem como patogénicos, por produção de discrepâncias entre as exigências sociais de competência, “performance” e produtividade e os meios que o indivíduo possui para cumpri-las. O desamparo, conceito psicanalítico sobre a condição fundamental e trágica da vida humana, denunciando sua fragilidade e impotência, coloca-se no centro da dinâmica defensiva do aparelho mental como categoria afetiva fundamental.

Não esqueçamos, porém, que o desamparo é importante como desencadeante do estreitamento dos laços sociais, forma coletiva de superação da fragilidade humana, emergindo a cultura e a civilização; nesse contexto, o homem fará descoberta da dependência, da inevitável relação com o mundo, configurando-se o desamparo com possibilidades estruturantes do psiquismo e, paradoxalmente, com potencialidades negativas e positivas!

III- DAS ABORDAGENS GRUPANALÍTICAS

O grupo providência o abandono do isolamento, integração social, experiências de universalidade.

Os grupos psicoterapêuticos de enquadramento circular permitem que seus elementos se vejam mutuamente, incluindo o psicoterapeuta. As emoções têm um componente corporal que só pode ser captado em face a face e correspondem a vivências precoces inscritas em sistemas de memória implícita (Damásio A, 1969), quando a comunicação se processava em período não verbal, inacessível ao trabalho de uma escuta movendo-se exclusivamente no campo da palavra, da memória explícita. Então ver e ser visto auxilia na reflexão sobre impasses que a questão do corpo e do afeto colocam (Neto I M, 2012) proporcionando maior interação social favorecedora de maior capacidade empática constituindo-se como elemento essencial à terapia (Nava A S, 2007).

As abordagens psicoterapêuticas em grupo integrando o conceito de inconsciente freudiano originaram-se nas décadas de quarenta e cinquenta do século XX na Argentina com Pichon Riviére e na Inglaterra com Foulkes e Bion.

Foulkes elaborando a teorização da *group analysis*, embora sendo psicanalista, questionou aspetos da teorização freudiana, o modelo pulsional e a posição de neutralidade do analista. Postulou como motivações centrais do homem a relação, o intercâmbio, o sentimento de pertença. (Pothoff P, 2014, 2017). Acentuou a importância da componente social no processo grupanalítico. Tema desenvolvido

posteriormente por investigadores que estudaram o processamento da internalização inconsciente dos sistemas sociais pelos indivíduos e a conceituação de um inconsciente social (Hopper, Weinberg, Volkan, Dalal). Estes estudos encerram a possibilidade de investigações sobre inter-relações do inconsciente social com relações de poder e o trauma coletivo (Penna e Garcia C A, 2015), permitem compreensão de fenómenos sociais, do impacto de memórias inconscientes na sociedade e em seus membros e elaboração de experiências traumáticas coletivas. A abordagem do inconsciente social é fulcral quando na clínica se atendem grupos de traumatizados pela guerra e situações de êxodo.

Cortesão (1998/2008), que realizou sua formação com Foulkes, Introduziu na década de cinquenta do século passado em Portugal, uma conceituação grupalítica designada por grupalise. Propôs a constituição de um corpo teórico e técnico alicerçado em princípios consistentes, originais, encerrando potencialidades evolutivas. Não questionando a conceptualização de Foulkes enveredou por diferente teorização embora integrando conceitos de Foulkes.

Na teoria Cortesão valorizou os teóricos da relação de objeto e a tradição freudiana representada pela metapsicologia. Na sua conceptualização teve presente a revisão dos aspetos do movimento evolutivo da psicanálise que se poderiam repercutir na teoria e técnica da grupalise. Fez apropriação crítica e criativa das principais contribuições pós-freudianos (Klein e Fairbairn) que aproximou a autores contemporâneos (Winnicott, Balint, Bouvet, Kernberg, Kohut e Bion). Na técnica criou especificidades conceituais como Padrão, Matriz, Níveis de Experiência e de Interpretação que conferiram identidade própria à teorização. Admitiu que a ação do Padrão sobre a Matriz (Ferreira, 2005) permite a resolução da neurose de transferência de cada integrante do grupo; a interpretação da transferência suportada pela relação é determinante da mudança. Muitos dos fatores entendidos na Psicanálise Relacional como curativos são enfatizados como pré-requisitos à função terapêutica. Sublinhou a importância da contemporaneidade na informação científica, a incentivação ao diálogo interdisciplinar e o estabelecimento de uma relação de influência mútua entre psicanálise e grupalise (Cortesão EL, 1989).

IV- POTENCIALIDADES EVOLUTIVAS DA GRUPALISE

Circunscrevo meus comentários à grupalise introduzida em Portugal num período de transição da psicanálise em que se pretendia a ampliação da clínica quer por atualização dos modelos pós-freudianos quer por desenvolvimento de novos modelos (Green A, 1975).

Como produto científico a grupalise não se dispensa a um escrutínio da teoria e da técnica face a novas contribuições decorrentes da evolução científica em áreas na sua interface nomeadamente da Psicanálise Relacional e das Neurociências.

Mota Marques (2016) enfatizou que a Matriz de grupo em Cortesão tem maior abrangência multidimensional e funcional; que na dimensão técnica, o nível de experiência subjetiva múltipla, a comunicação associativa e a interpretação de criatividade consagram dimensões relacionais integrando a

ligação entre os aspetos intra, inter e transpessoais viabilizando deslocamento da análise do eixo do intrapsíquico para o intersubjetivo.

A perspetivação da intersubjetividade em Grupanálise permite a consagração do insight, valorização do objeto, possível ampliação da abordagem clínica com eventual redefinição da imagem e modo de proceder do grupanalista.

Considerando que o individual e o social coexistem em situação de interdependência, que a conceptualização da mente integra aspetos biossociais, que os padrões sociais modelam a intersubjetividade e a longo prazo a intrasubjetividade, o estudo da mente observada nos aspetos intrapsíquicos, intersubjetivos e transubjetivos será mais aprofundado. Nesta perspetiva uma das potencialidades evolutivas da Grupanálise seria uma abordagem que integrasse os três aspetos. Como Mota Marques, admito que uma eventual assimilação de pontos de vista da Psicanálise Relacional e Vincular seria a ponderar.

Na atualidade a abordagem intersubjetiva é referida à teoria dos sistemas intersubjetivos de Stolorow (2011) e à Psicanálise Relacional de Mitchell.

A teoria dos sistemas intersubjetivos de Stolorow (2011) adota terminologia própria, afasta-se da metapsicologia freudiana, dos teóricos da relação de objeto integrando conceitos da psicologia do self de Kohut.

A psicanálise Relacional de Mitchell, integra a psicologia do self de Kohut, os teóricos da relação de objeto do grupo independente, a Teoria do Apego de Bowlby, as investigações do grupo de Boston (Stern D, 1985) e organiza-se em diferentes subgrupos (Kleinianos, pós kleinianos/ bionianos, A. Ferro, e Ogden, pós freudianos).

Face às duas posições admito que a teoria dos sistemas intersubjetivos de Stolorow a integrar-se no modelo de Cortesão ocasionaria dificuldades na manutenção da sua identidade alterando seus fundamentos específicos facto que não se registaria com a integração de alguns conceitos da psicanálise relacional.

A emergência do modelo relacional exigindo o estabelecimento de uma aliança terapêutica, vai deslocar o estudo analítico da área das ciências naturais para a área das ciências humanas, privilegiar o vínculo com o objeto e entender os acontecimentos na situação analítica como criados na interação paciente analista, a motivação fundamentando-se nas vicissitudes de busca de uma relação e de sua manutenção, sendo a ação analítica assente na capacidade de a análise remediar fracassos do desenvolvimento.

Do diálogo da Grupanálise com as Neurociências resulta evidência de que a percepção cognitiva, o pensamento e a informação comportam emoções inscritas na área das memórias implícitas; que as emoções são entendidas como suporte da razão e que razão e emoção atuam num entrelaçamento de modo que qualquer de nossas experiências resultam desta profunda inter-relação (Damásio A, 2010); a descoberta dos neurónios - espelho surge como base neurobiológica da intersubjetividade.

A visão da intersubjetividade em Grupanálise está presente no conceito de Caixa de Ressonância Empática de César Dinis (2001), ou quando se admite integração do conceito de Campo Dinâmico do casal Baranger (Dinis C V, 2000).

As recentes contribuições das Neurociências respeitantes à memória, às emoções e afetos refletem-se na necessidade de reformulação da técnica no enquadramento grupalanalítico nomeadamente no conceito de transferência (Dinis C. V., 2003). Na sessão grupalanalítica, o intercâmbio semântico conforme à abordagem clássica, concordante com aportes das Neurociências, permite integração de um conceito de inconsciente para além do conceito de inconsciente freudiano e relacionado com memórias implícitas, não simbolizáveis (Fonagy, 1999 e Stern D., 1998).

Anotamos que em Grupanálise a incorporação da comunicação dialógica entre os sistemas explícitos e implícitos da memória está presente no conceito de comunicação metadramática de João Azevedo e Silva. (1994).

César Dinis (2003) face à incorporação na sua prática grupalanalítica do conceito de momentos de encontro (Stern D, 1998) acentuou que “a interpretação muda apenas o conhecimento declarativo” e que “a mudança do conhecimento relacional implícito só poderá ser alcançada por via de um processo interativo partilhado que altera o campo relacional no contexto de uma relação implícita partilhada”.

Face a estas observações recorro que André Green (1988) afirmou que os analistas do fim do século XX se depararam com situações em que a técnica da interpretação clássica era insuficiente.

Tratava-se de quadros psicopatológicos em que os conteúdos recalcados retornavam com defesas radicais aquém do nível da representação evidenciando presença de núcleos psicóticos sendo então necessária introdução de uma escuta “polimorfa”: ao mesmo tempo que o analista escuta elementos verbais provenientes da assertividade do paciente, escuta também linguagem não verbal expressa sob forma mimo-gesto-postural e de afetos ligada a experiências primevas de intersubjetividade, anteriores à aquisição da linguagem verbal expressas por comportamentos precoces de imitação que têm subjacente formas iniciais de intersubjetividade relacionadas com o funcionamento de neurónios-espelho. Uma das características desta linguagem reside em que seu sentido depende da interpretação do entorno humano.

Estas notações apontam possibilidade de pensar a escuta analítica também aquém da linguagem verbal e dos processos de simbolização (Green A, 1975) permitindo falar-se de um analista “poliglota” (Urribarri F, 2012), tomando por base os processos de simbolização primária descritos por Roussillon (2015).

Na sequência do referido admito que as experiências pensadas em setting individual transpostas ao setting grupal poderão corresponder a um acréscimo na técnica grupalanalítica nos processos de escuta e a reformulações na técnica.

Saliento que uma das potencialidades da Grupanálise tem sido a aplicação de seus conceitos ao trabalho com grupos em instituições que se dedicam ao tratamento de pacientes psiquiátricos e à formação de

técnicos de saúde. Investimento iniciado por Cortesão a que alguns de seus colaboradores deram continuidade em diferentes unidades de saúde. (Medina F e Ferreira G, 1969; França de Sousa J e Ferro S, 1999).

A abordagem de grupos específicos orientados pela técnica da grupalítica tende atualmente a ampliar-se. Referimos como exemplo a prática do Grupo Multifamiliar (Badaracco J, 2000), com Isaura Neto e Ma. João Centeno (Neto I e Centeno MJ, 2001), do grupo Balint (Neto I, Florêncio N e Brandão J), de grupos com crianças e adolescentes (Vieira C, 2015-2016), de Grupos Experienciais no ensino da grupalítica (Afonso J A e Galamba G, 2017), dos Grupos de Coaching (Teixeira A L) de Pais (Poppe P, 2024).

Face à pandemia implementou-se a prática psicoterapêutica online em grupo e em situação individual. Nova forma de estar presente num território com diferentes características em investigação e suscitando controvérsias, mas que permitiu dar continuidade às terapias em tempos de pandemia.

V- COMENTÁRIOS FINAIS

A Psicanálise e a Grupalítica ao longo de suas evoluções transformaram-se em múltiplas formas emergindo necessidade de investigações de avaliação de complementaridade e de integração de modelos com redução da fragmentação existente permitindo compreender que cérebro e mente se incluem na dimensão da complexidade (Morin E, 2017) resultante de uma organização inscrita num sistema dinâmico não linear (Coderch J e Ávila A, 2021).

A evolução da grupalítica praticada em Portugal vem representando formas criativas de resposta às vicissitudes colocadas pelas psicopatologias mais frequentes apontando no sentido da admissão de atuações congruentes com a complexidade humana e com aportes recentes de ciências na sua interface. De salientar que o diálogo com as Neurociências tem permitido uma visão materialista não reducionista do pensamento psicanalítico.

O confronto com os resultados atuais da evolução da grupalítica remete-nos à reflexão da evolução do conhecimento científico.

A metapsicologia freudiana tem sido considerada insuficiente por alguns autores. Kaes (1997), Berenstein e Pugget (1961) propuseram-se desenvolver uma metapsicologia intersubjetiva a partir de suas experiências de análise de grupo, casal e família. Tuberg-Oklander (2014) apontam necessidade de uma metapsicologia contemplando simultaneamente fenómenos intrapessoais, interpessoais e transpessoais. Propõem a designação de uma dimensão sincrética da mente, como estado de indiferenciação entre o Eu e o outro permitindo ao Eu criação de relações que conduzem à participação em grupos, em instituições e na sociedade em geral num estado de fusão. Admitem a abordagem grupalítica como uma forma de evolução da Psicanálise.

De relevar que na atualidade as teorias quântica e da relatividade puseram em causa a atuação do observador e do observado: conceitos como determinismo, causalidade, categorias de espaço e tempo têm sido fonte de derrube de alguns mitos da psicanálise.

A Grupanálise perspectivada como processo por Cortesão (1989/2008) poderá admitir um progresso construído não exclusivamente de forma contínua, mas também com roturas que representam mutações de ajuste a novas contribuições da investigação científica, da evolução dos paradigmas e das transformações sociais.

Face a esta situação é possível admitir-se que o conhecimento científico possa ser entendido como processo redutor por subtração de conclusões erróneas e admite progresso, variações de perspetiva, mudanças de paradigma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Afonso, J. A., Galamba, G. e Proença G. (2017). O Grupo Experiencial como modelo de ensino em Grupanálise. Revista online da SPGPAG.

Badaracco, G. (2000). Psicoanálisis Multifamiliar, Los Otros é Nosotros y el Descubrimiento del Sí Mesmo. Buenos aires: Paidós.

Baranger, M. e Baranger, C. (1961). La situacion analítica con el campo psicanalítico. Buenos Aires.Ed. Kargieman,1969.

Berenstein, I. e Pugget, J. (1961/2004). Lo vincular: clínica y técnica psicanalitica. Buenos Aires: Paidós.

Coderch, J. e Ávila, A. (2021). Algumas razões que explicam a transformação da psicanálise em muitas psicanálises. Revista Relacional. nº1 março. Lisboa.

Cortesão, E. L. (1989/2008). Grupanálise. Teoria e Técnica. Editora Fundação Calouste Gulbenkian (1ªedição; 2ª edição. Edição SPGPAG 2008). Lisboa

Damásio A. (2010). O livro da Consciência. A Construção do Cérebro Consciente. Temas e Debates-Círculo de Leitores. Lisboa.

Dinis, C. V. (2000). Desejo e Perda na Contratransferência. Revista Portuguesa de Grupanálise, 1:51-58. Lisboa.

Dinis, C. V. (2001). Caixa de ressonância empática. Existir na net e ser na matriz grupanalítica. Revista. Portuguesa de Grupanálise 3:5-26. Lisboa.

Dinis, C. V. (2003). O tempo e a mudança. Revista Portuguesa de Grupanálise,5:28-37. Lisboa.

Dinis C. V. (2004) Compatibilização de protagonismos. Revista Portuguesa de Grupanálise,9-16. Lisboa.

- Dinis, C. V. e Afonso, J. A. (2021). Transference and countertransference in the Portuguese School of Groupanalysis (pag.135) em The Portuguese School of Groupanalysis. Int. Library of Group Analysis (NILGA). Routledge. New York.
- Donna M. Orange, George E. Atwood e Robert D. Stolorow (2012). Trabajando intersubjetivamente (contextualismo en la práctica psicanalítica). Colección Relacional nº6 Ágora Relacional. Madrid.
- Ferreira, A. G. (1969). Grupo Comunitário no Hospital de Dia. Jornal do Médico. vol. LXIX, abril 1969. Lisboa.
- Ferreira, A. G. (2005). A interpretação e Grupanálise. Revista Portuguesa de Grupanálise 70-79. Lisboa.
- Ferro, S. (1999). Experiência de psicoterapia de grupo de base analítica em meio hospitalar – em “A Grupanálise-Processo Dinâmico de Aprendizagem. Editora Fim de Século. Lisboa.
- Fonagy, P. (1999). Memory and Therapeutic Action. International J. of Psychoanalysis, 80:215-223. London.
- Foulkes, S.H. (1949). Introduction to groupanalytic psychotherapy. Grune e Stratton. New York.
- Gil, J. (2020). O Tempo Indomado. Editora Relógio de Água. Lisboa.
- Green, A. (1988). O analista, a simbolização e a ausência no contexto analítico. Em “Sobre a loucura pessoal” pp.36-65. Rio de Janeiro. RJ: Imago (obra original publicada em 1975). Rio de Janeiro.
- Green, A. (2008). Orientações para uma psicanálise contemporânea. São Paulo SBPSP Rio de Janeiro: Imago. (trabalho originalmente publicado em 2002).
- Hopper, E. (2003). Social Unconscious: selected papers. Jessica Kinsley.
- Kaes, R. (1997). O grupo e o sujeito do grupo: elementos para uma teoria psicanalítica do grupo. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kohut, H. (1977). A restauração do self- Editora Imago. Rio de Janeiro.
- Morin, E. (2017). Introdução ao pensamento complexo. Ed. Instituto Piaget. Lisboa.
- Nava, A. S. (2007). Empathy and groupanalysis: an integrative Approach. J. Group Analysis, nº40 (1) p.13-28.
- Neto, I. M. (2012). Ver e ser visto: um valor acrescentado em grupanálise. Revista Portuguesa de Grupanálise, pag.77-86. Lisboa.
- Neto, I. M. e Centeno, M.J. (2021). Group Analysis – A Cluster Identity: Redefining and Rethinking Group Analysis – toward a unified and integrated approach to theory research and clinical work. The New Routledge, cap 2, p.28-52. International Library of Group analysis.
- Penna, C. e Garcia, C. A. (2015). Reflexões em torno do inconsciente social. Subjetividades. Fortaleza, 15(1):46-56, Abril 2015.

- Poppe P. (2024). Escola de pais grupal. Intervenção grupal de curta duração com foco específico. Revista Portuguesa de Grupal, versão online.
- Pothoff, P. (2014). Foulkes and Inter-subjectivity: A pioneer in Uncharted Territories. J. Group analysis, vol 47 (3)268-282.Londres.
- Pothoff, P. (2017). Group Analytic Practice Today: Intersubjective Perspectives and the Relational Paradigm-Group Analysis., vol.50 (3)361-375.Londres.
- Roussillon, R. (1999). Agonie, clivage et symbolization. Paris. France: PUF.
- Roussillon, R. (2012). As condições de exploração psicanalítica das problemáticas narciso-identitárias. Alter. Rev. de estudos psicanalíticos,30(1),7-23. Brasília.
- Roussillon, R. (2015). A função simbolizante. Rev. Brasileira de Psicanálise 48(89)257-286. São Paulo.
- Stern, D. e col. (1998). Non-interpretative mechanisms in psychoanalytic therapy. The something more than interpretation. Int. J. Psychoanalysis. Vol.79, part 5: 903-921.
- Silva, J. A. (1994). Comunicação Meta dramática e Interpretação Grupal. Revista Portuguesa de Grupal. V.5. p.49-64. Lisboa.
- Tubert-Oklander (2014). The on and the many: relational psychoanalysis and the group-analysis – Karnac Books.London.
- Urribarri, F. (2012). O pensamento clínico contemporâneo: uma visão histórica das mudanças do analista. Revista Brasileira de Psicanálise, 46(3), 47-64. São Paulo.
- Vieira C. (2015-2016). A Grupal Oferecida a Crianças e adolescentes, Revista Portuguesa de Grupal e Psicoterapia Analítica de Crianças e Adolescentes, 8-18. Lisboa.
- Weinberg, H. (2007). So what's is this unconscious anyway? J. Group analysis, 40(3), 307-320